

Morfologia urbana

A morfologia urbana, ou a ciência que estuda a forma física da cidade, bem como os atores e os processos de transformação que a moldam, teve a sua origem na viragem do século XIX para o século XX. A construção de um retrato internacional que inclua os contributos mais relevantes, desenvolvidos em diferentes países, está ainda por fazer. No entanto, é possível afirmar que esta origem está associada ao trabalho dos geógrafos Alemães nos últimos anos do século XIX. É também legítimo sustentar que este trabalho de investigação no interior da geografia humana Germânica manteve a sua predominância, no que se refere à construção do campo teórico e metodológico da morfologia urbana, até ao início dos anos 30. Em meados do século XX, os contributos mais relevantes para esta construção serão dados por arquitetos Italianos, em particular por Saverio Muratori. A partir do início dos anos 60 e durante as décadas seguintes assiste-se, primeiro, à afirmação do trabalho de M. R. G. Conzen, o geógrafo Alemão emigrado para o Reino Unido nos anos 30, e posteriormente, ao desenvolvimento do *Urban Morphology Research Group*, construído a partir do trabalho de Conzen e dinamizado por Jeremy Whitehand. A partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, passa a coexistir com estas escolas uma nova abordagem, também ela desenvolvida numa fase inicial no Reino Unido, a *space syntax* ou sintaxe espacial.

Apesar de partilharem o objeto de estudo – a forma física da cidade – estas abordagens tendem a desenvolver-se isoladamente. A um conjunto de diferenças teóricas e metodológicas acrescem ainda diferenças disciplinares.

Um elemento crucial para contrariar toda esta tendência de afastamento foi a criação do *International Seminar on Urban Form* (ISUF) em 1994. Desde o primeiro encontro em Lausanne, em 1996, esta organização tem vindo a promover conferências anuais (realizadas, até hoje, em todos os continentes à exceção de África) e, desde 1997, publica a

revista *Urban Morphology*. A aproximação das escolas *Conzeniana* e *Muratoriana*, concretizada nos últimos anos, é o exemplo mais evidente das vantagens de um efetivo diálogo morfológico entre diferentes abordagens.

Em meados da primeira década deste século, o ISUF iniciou uma política de incentivo à criação de grupos nacionais, ou regionais, ligados à estrutura internacional mais abrangente. É neste âmbito que, no ISUF2010, realizado em Hamburgo, é criada a ‘Rede Portuguesa de Morfologia Urbana’ (PNUM) e que, três anos mais tarde, se inicia, com este volume, a publicação da ‘Revista de Morfologia Urbana’.

Apesar de todo este esforço de convergência, garantindo sempre o espaço para a diversidade de teorias, conceitos e métodos morfológicos, muito trabalho está ainda por fazer. Talvez o desafio mais importante que se colocará à morfologia urbana nos próximos anos, seja o de tornar evidente perante as cidades e as sociedades contemporâneas quais são os seus contributos mais relevantes e mais específicos, ou seja, quais os contributos que só a ciência da forma urbana poderá fornecer. Nesse sentido, a morfologia urbana e os investigadores que desenvolvem a sua atividade nesta área do conhecimento, deverão dedicar uma menor atenção à crítica e à transformação de conceitos, métodos e técnicas morfológicas que, de um modo geral, apresentam já um considerável nível de sofisticação, concentrando esforços em potenciar as condições para uma utilização mais abrangente dos seus *outputs* científicos. Este processo envolverá necessariamente alguma simplificação, mas não tem que significar uma perda nos conteúdos fundamentais da disciplina morfológica.

Um segundo desafio crucial que atualmente se coloca é o desenvolvimento de ligações interdisciplinares entre a morfologia urbana e as diferentes áreas do conhecimento que estudam a cidade, promovendo uma efetiva investigação integrada. Apesar das

vantagens associadas à transferência de conhecimento morfológico para outras disciplinas, a verdade é que esta raramente ocorre. Na morfologia urbana – e de um modo mais geral nas ciências sociais e humanidades – a capacidade de identificar e construir ligações interdisciplinares, bem como a tomada de consciência da existência, noutras disciplinas, de trabalho relevante para os seus próprios trabalhos de investigação não é muito comum. Será desejável, e realístico, procurar encontrar um equilíbrio entre dois pólos distintos, integração e especialização. Tendo em consideração o objetivo da sustentabilidade, disciplinas como a ecologia urbana, a sociologia urbana e a economia urbana deverão merecer a nossa atenção nos próximos anos. Um avanço fundamental seria o fornecimento de uma dimensão morfológica a estes campos do conhecimento. Para muitos projetos de investigação isto poderia significar um sólido valor acrescentado e, no limite, permitir avanços no nosso conhecimento sobre cidades.

O terceiro grande desafio que se coloca ao nosso campo do conhecimento é a aplicação da investigação morfológica na prática profissional. Apesar de ser espectável que a investigação científica desenvolvida na área da morfologia urbana fosse um dos elementos fundamentais de suporte à prática de planeamento urbano, nomeadamente no que se refere à dimensão física da cidade, a verdade é que estas duas atividades, salvo raras exceções, parecem existir de costas voltadas.

As causas para este vazio, bem como a sua caracterização, têm vindo a ser discutidas na literatura (Oliveira e Sousa, 2012; Whitehand, 2012). Importa assim perceber como promover uma aproximação entre investigação e prática. No final de 2011, o Presidente do ISUF criou uma *Task Force* com esse objetivo. Em meados de 2012, a *Task Force* concluiu um primeiro relatório com um conjunto de sugestões concretas para potenciar uma aproximação entre teoria e prática (Samuels, 2013): i) a publicação de um manifesto do ISUF; ii) a recolha e publicação de diferentes *curriculums* de ensino superior em que a morfologia urbana esteja a ser eficazmente integrada; iii) a produção de um guia de boas práticas sobre ‘onde’ e ‘como’ a morfologia urbana está a ser aplicada com sucesso; e, por fim, iv) a criação de um manual em morfologia urbana. Em Abril de 2013 tiveram início os trabalhos de desenvolvimento da terceira recomendação da *Task Force*, a produção de um guia de boas práticas. A conferência anual do ISUF, a realizar em 2014 na cidade do Porto, constituirá certamente um momento de síntese na preparação deste documento fundamental.

Referências

- Oliveira, V. e Sousa, S. (2012) ‘Urban morphology in planning practice’, *Urban Morphology* 16, 80-82.
- Samuels, I. (2013) ‘ISUF Task Force on Research and Practice in Urban Morphology: an interim report’, *Urban Morphology* 17, 40-43.
- Whitehand, J. W. R. (2012) ‘Issues in urban morphology’, *Urban Morphology* 16, 55-65.

Vítor Oliveira

Urban Morphology

O último número da revista *Urban Morphology*, referente ao mês de Outubro, foi já publicado, sendo que a versão *online* se encontra disponível, para os subscritores, em http://www.urbanform.org/online_public/index.shtml.

Este número inclui três artigos: uma reflexão sobre a série de artigos designada como *the study of urban form in*; uma análise do pensamento de

Saverio Muratori e do desenvolvimento de uma escola morfológica de desenho urbano; e, por fim, um ‘artigo de revisão’ (a partir de quatro livros publicados recentemente) dedicado a relação entre evolução e forma urbana. O próximo número da *Urban Morphology* será publicado em Abril.
